

CONSUMISMO – HIPNOSE CULTURAL COLETIVA

Grande sabedoria demonstraram os Espíritos que juntamente com Allan Kardec elaboraram a Doutrina Espírita em suas respostas às questões 711 a 717 de O Livro dos Espíritos quando Kardec aborda o estudo do **Necessário e do Supérfluo**.

O que hoje vemos propagar-se com sintomas de epidemia coletiva é essa ânsia incontrolável de consumir a qualquer custo – o que se entende como CONSUMISMO – alimentada de forma ininterrupta pela mídia em geral, auditiva e visual, a difundir maciçamente a **cultura do consumo, a cultura da marca**, oferecendo meios de aparente facilidade para aquisição do mais necessário ao mais absurdamente supérfluo. E não só isso: apresenta-se também o consumismo como confirmação de status social e até como condição para a felicidade.

Essa epidemia atinge todas as classes sociais, desde as chamadas elites, que respondem pela estrita e restrita “classe A”, até as classes conhecidas como B, C, D e E; de uma forma ou de outra, quase todos têm acesso e são atingidos por essa mídia inescrupulosa que serve de instrumento aos empresários gananciosos e preocupados tão somente com o seu lucro.

Na q.716 os Espíritos nos afirmam que *o homem é insaciável; a natureza traçou o limite de suas necessidades na sua organização, mas os vícios alteraram a sua constituição e criaram para ele necessidades artificiais*; e afirmam ainda que *nisto residem os males deste mundo* (q.926). Nenhuma outra colocação poderia ser mais objetiva e verdadeira.

Essa “hipnose cultural” generalizada manifesta-se das mais diferentes maneiras:

- pode exprimir-se pelo desejo irresistível de comprar, podendo ser algo muito caro, mediano ou até mesmo muito simples, qualquer coisa; trata-se apenas de satisfazer essa compulsão que, tão logo saciada, volta logo em seguida;
- pode traduzir-se pelo insaciável consumo exagerado de alimentos e/ou bebidas, de guloseimas, de fumo, de drogas, de medicamentos inclusive;
- pode ainda expressar-se pelo excessivo apego a situações e a pessoas, gerando circunstâncias tais que acabam consumindo aqueles que são objeto desse apego desmedido.

No entanto, essa cultura originou-se e se mantém em virtude da ignorância em que se conserva a humanidade em geral – Léon Denis, ilustre clássico da literatura espírita, contemporâneo de Kardec, já declarava que *“a ignorância é a origem de todos os males”*.

Diante da oferta de belas coisas, embaladas em condições ilusoriamente fáceis; diante da insidiosa e subliminar imposição da idéia de que o TER é a chave da ascensão social e da felicidade; vê-se o homem, ainda frágil em suas convicções ético-fraternas, constrangido a buscar os meios que lhe possam angariar tudo aquilo que lhe é exibido como necessário para ser

aceito e respeitado pela sociedade em que está presentemente inserido.

Assim, encontramos não só os mais abastados portando vários cartões de crédito, mas também os de poucos recursos enredando-se, desse modo, cada vez mais nas malhas dos juros financeiros exorbitantes, perdendo a paz e, por vezes, até a dignidade. Encontramos jovens e adolescentes dispostos a qualquer coisa para possuírem o tênis de marca, a moto mais “irada” – exemplos disso encontramos nos juizados da infância e juventude...

Muitas criaturas há que se entregam a esse monstro por fastio, tédio, tristeza, desespero, por toda sorte de insatisfações íntimas e instabilidades emocionais com as quais não conseguem lidar, para as quais não encontram saída nem solução. Buscam então enganosamente no TER o que ainda não conseguiram no SER: auto-estima, auto-confiança, serenidade, equilíbrio, esperança e, sobretudo, compreensão das leis harmoniosas que regem a vida, os seres em geral, toda a criação enfim.

Quando compreendermos o ensinamento espiritista de que “*o mais rico é aquele que tem menos necessidades*” (mesma q.926), com certeza nos libertaremos dessa hipnose e conquistaremos a nossa verdadeira autonomia, a nossa liberdade, seremos efetivamente senhores do nosso livre-arbítrio de forma lúcida e consciente, sabendo usar a nossa vontade porque “*não há arrastamento irresistível quando se tem a vontade de resistir*” (qs. 845 e 645).

Doris Gandres – RJ – março 2011